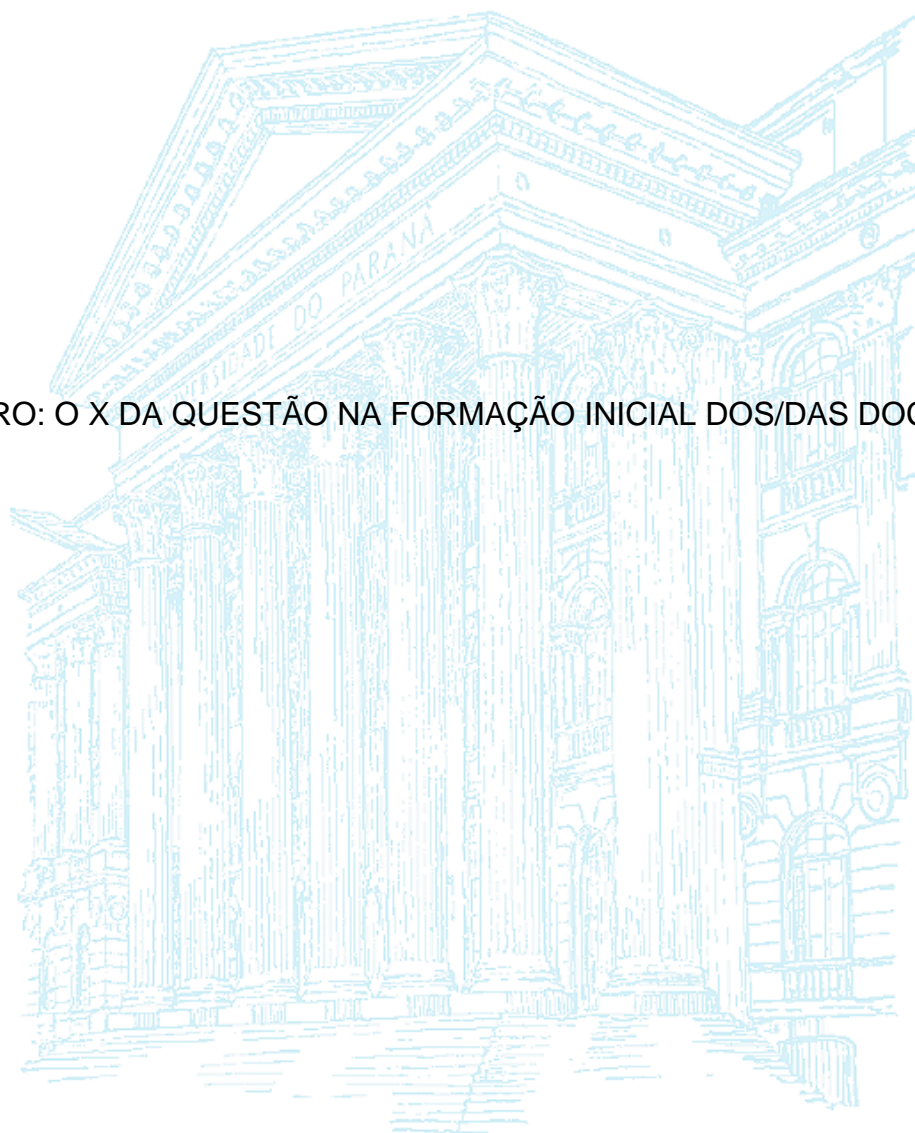


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANA LEVINSKI HAMANN

GÊNERO: O X DA QUESTÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS/DAS DOCENTES



LAPA-PR
2016

ADRIANA LEVINSKI HAMANN

GÊNERO: O X DA QUESTÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS/DAS DOCENTES

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Profa. Cintia de Souza
Batista Tortato

LAPA
2016

GÊNERO: O X DA QUESTÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS/DAS DOCENTES

Adriana Levinski Hamann¹ Cíntia de Souza BatistaTortato²

¹Graduada em Serviço Social, PUC-PR, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações de Gênero e Tecnologia - UTFPR. E-mail: adrianalevinskihamann@gmail.com

²Dra.em Tecnologia - UTFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações de Gênero e Tecnologia- UTFPR. E-mail: cintiatortato@hotmail.com

“Educar homens e mulheres para uma sociedade democrática e igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e Permanente”.

Daniela Auad

RESUMO

O presente artigo busca compreender inicialmente as repercussões da ausência da temática de gênero nos anos iniciais de um curso de licenciatura em Ciências Sociais. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa por meio de questionário com perguntas fechadas e abertas para um grupo de 25 estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais dos 1º e 2º anos do 2º semestre de 2015, de uma instituição pública do litoral paranaense. Este estudo busca mostrar o olhar dos/as estudantes com relação às abordagens sobre a questão de gênero em sala de aula nestes anos iniciais. O olhar destes/as estudantes evidenciou que se sentem inseguros/as quanto aos conceitos de gênero e a questão da sexualidade, reforçando a fragilidade de como anda a inserção da temática de gênero na formação inicial dos/das futuros/as docentes em sociologia.

Palavras-chave: educação, gênero; relações de gênero, licenciatura;

ABSTRACT:

This article aims to initially understand the absence of the impact of gender issues in the early years of an undergraduate degree in Social Sciences. The methodology was qualitative research through a questionnaire with closed and open questions to a group of 25 students of Bachelor of Social Sciences of the 1st and 2nd year of the 2nd half of 2015 in a public institution coast of Paraná. This study aims to show the students the look on the approaches to the issue of gender in the classroom in these early years. The look of these students showed that they feel insecure with gender concepts and the issue of sexuality reinforcing the fragility of such inclusion of gender issues in the initial training of future teacher of sociology.

Keywords: education, gender; gender relations, degree

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresenta-se uma reflexão sobre o processo de inclusão da temática gênero nos anos iniciais no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, de uma instituição pública no litoral do Paraná. A construção teórica foi realizada com base nos estudos de teorias feministas e pesquisas bibliográficas sobre a inclusão da temática de gênero nos cursos de licenciatura, conduzindo o/a leitor/a para reflexões de como a escola formal continua a naturalizar e invisibilizar estereótipos construídos historicamente e que funcionam como fábricas de produzir de desigualdades. (FOUCAULT, 1987; LOURO, 1997).

Ao definir o título Gênero: O X da questão na formação inicial dos dos/as docentes, entende-se que há ainda algumas resistências ideológicas que impedem a inclusão do tema com mais profundidade nos cursos de licenciatura. Neste sentido, ao se aproximar desta construção histórica, o artigo teve como objetivo compreender o que os/as estudantes de um curso de Licenciatura de Ciências Sociais têm apreendido sobre a questão de gênero nesta trajetória da formação dos/as professores/as já no início da graduação.

Investigou-se a construção dos conhecimentos prévios dos/as futuros/as docentes, por meio da pesquisa qualitativa exploratória, utilizou-se como instrumento, a aplicação de questionário com 17 perguntas, sendo 10 perguntas fechadas e 7 perguntas abertas onde 25 estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, dos 1º e 2º anos do segundo semestre de 2015.

Estes estudantes farão parte desta engendrada faceta da educação e sobre o fato de que se tornarão as referências já na formação inicial dos/das docentes no processo de reafirmar as ideologias até aqui construídas e/ou romper com a lógica de fomentar a desconstrução dos saberes que reforçam e invisibilizam as questões de gênero, pelo menos na escola formal.

Ao se iniciar as teceduras para este artigo, procurou-se pesquisar um pouco sobre como estavam as discussões de gênero na formação dos/das dos docentes. Em um dos artigos pesquisados voltado para a análise das políticas públicas na Educação Básica e o processo da abordagem de gênero nos currículos, publicado em 2006, as pesquisadoras Cláudia Vianna e Sandra Unbehaun, sinalizaram que a inclusão deste tema teve início no Projeto Piloto promovido pela SECADI -

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, tendo como respaldo o Plano Nacional de Políticas para as mulheres do ano de 2004, que estabeleceu como uma das ações “propor a inclusão das temáticas de gênero, raça, etnia e orientação sexual nos currículos do Ensino Superior”. No entanto estas pesquisadoras apontaram que:

A consolidação do gênero nas políticas públicas de educação é uma tarefa do Estado, e esta dependerá da disponibilidade de recursos e da inclusão das demandas de gênero na educação pelos governos que se sucederem. Entre outras medidas, uma revisão curricular que inclua na formação docente não só a perspectiva de gênero, mas também a de classe, etnia, orientação sexual e geração. Mais do que isso, é preciso incluir gênero, em todas as dimensões responsáveis pelas construções de desigualdades, como elemento centrais de um projeto de superação de desigualdades sociais, como objetos fundamentais de mudanças estruturais e sociais. (VIANNA; UNBEHAUN, 2006, p. 425).

Num outro viés, a autora Ferreira (2013), da Universidade de Feira de Santana-BA, constatou que, no caso da pedagogia, gênero e sexualidade estão presentes em pontos esparsos do curso, e ausentes da formação permanente oferecida ao longo do processo:

(...) A ausência de disciplinas obrigatórias é percebida pelos/as docentes como elemento problemático quando se considera **a construção de uma proposta que abra os discursos para se pensar e faça algo diferente no que diz respeito às relações que envolvem gênero e sexualidade nas distintas instâncias sociais**. Desta forma, os debates sobre as temáticas são constituídas dependendo muito de **iniciativas pessoais dos/as docentes**. (...)pareceu-nos que a inexistência de uma intencionalidade explícita e articulada no currículo do curso de Pedagogia em torno do gênero e da sexualidade, através da **permanência de ações isoladas, pode refletir-se uma ação momentânea sem grandes modificações estruturais**, posto que as ações relacionam-se em **grande medida com os esforços individuais dos/as docentes ou afeições ao tema por conta da vivência de certas experiências**. (FERREIRA, 2013, p. 215). Grifos nossos.

A partir destas sinalizações, percebe-se a necessidade de uma formação onde a inclusão da temática de gênero aconteça de fato, de modo a levar uma mudança concreta na situação de desigualdades históricas das minorias. Minorias, diante dos debates teóricos, são aquelas categorias que não estão nos padrões determinados pela posição central, ou seja, homem branco, heterossexual, ocidental, classe média, urbana. De acordo com Louro (1997), são os desviantes, não hegemônicos. Como as mulheres, negros/as, homossexuais, lésbicas, transexuais, pobres, deficientes, etc.

Partindo das constatações dos estudos realizados pelas autoras Vianna e Unbehaun (2006) e Ferreira (2013) que nos apontam as fragilidades das questões

de gênero nas licenciaturas, a presente pesquisa se justifica, uma vez que contempla um diálogo sobre os conhecimentos prévios da questão de gênero dos/das futuros/as docentes do ensino básico.

Segundo Apple (1999), quanto à educação tradicional formal, há a denúncia de que os valores transmitidos pelas escolas são escolhas de uma classe dominante. De acordo com Apple as escolas,

ajudam a manter o privilégio por meio de culturas, ao tomar a forma e o conteúdo da cultura e do conhecimento dos grupos poderosos e defini-los como um conhecimento legítimo a ser preservado e transmitido. (APPLE, 1999, p. 58).

Mais que isso, as escolas reforçam a desigualdade e o preconceito, uma forma de perpetuar a desigualdade em relação às minorias. De acordo com Louro (1997), na escola aprendemos e reproduzimos muitas 'tradições e costumes', que muitas vezes, nos habituamos a assumir algumas posturas e nem sempre nos perguntamos por que afinal precisamos fazer aquilo e não isso? De acordo com Louro,

gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, torna-se partes de seus corpos. Ali se aprende a olhar e se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. (LOURO, 1997, p.61)

As questões que envolvem as construções históricas sobre o que é ser mulher ou ser homem na atual sociedade brasileira, vêm desencadeando espaços (não muito confortáveis) para quem apropria-se das discussões que abordam relações de gênero. Essas discussões têm como norte a desconstrução do que é natural e normal, desmistificando a suposta neutralidade de algumas instituições, neste caso a escola.

Nesse sentido, ao naturalizar termo sexo, por exemplo, ligando-o exclusivamente ao conhecimento biológico, anatômico do ser humano, acabamos por reforçar o constructo do saber e poder da medicina. (LLANO, 2007)

Segundo Silva (1997), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro:

No século XIX surgiram, particularmente no campo da antropologia física, teorias que explicaram a inferioridade da mulher com base na biologia, desde modo similar, foram também elaboradas, dentro desta perspectiva, explicações sobre as diferenças étnico-raciais, com avaliações desfavoráveis para negros, índios e amarelos. Este campo explicativo tomou muita força na sociedade moderna pois teria o aval da ciência. (SILVA, 2007, p. 253)

E ainda o filósofo francês Michael Foucault (1987), em seu livro Vigiar e Punir, se refere a uma sociedade disciplinar, que fabricou indivíduos dóceis e úteis. A

preocupação dele foi o problema da individualização, da normatização, da disciplinarização e da formação simultânea de saberes e poderes controladores, cujo resultado é o homem conhecido pela medicina, pela psicologia, pela pedagogia. (FOUCAULT, 1987).

Ao adotarmos a categoria gênero, “contamos com as ciências sociais como ferramenta conceitual que nos permite descobrir as identidades femininas e masculinas independente das diferenças anatômicas entre os sexos”. Ou seja, nega-se assim o determinismo biológico. (LLANOS, 2007).

Segundo Scott (1995), o termo gênero, além de substituir o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre mulheres é necessariamente informação sobre os homens pois, o estudo de um implica o estudo do outro, e é utilizado para designar as relações de poder entre os gêneros e dentro de cada gênero. (SCOTT, 1995).

Quando se refere às relações de poder, a questão que ainda é muito evidenciada é como o homem se sobrepõe aos interesses da mulher, percebendo que a nossa sociedade ainda adere ao sistema patriarcal, da supremacia masculina e da subordinação feminina. Por exemplo, a situação da violência contra mulher, um problema social grave ainda é historicamente justificada e frequentemente aceita por nossa sociedade patriarcal, o que dificulta a efetivação dos direitos das mulheres. (LUZ, 2011).

OBJETIVO GERAL

- Investigar junto aos estudantes do Curso de Licenciatura de Ciências Sociais de uma instituição pública do litoral do estado do Paraná, como está a inclusão da questão de Gênero na formação inicial.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o que os/as estudantes do curso conhecem sobre a questão de gênero;
- Pesquisar como estão sendo abordadas em sala de aula as questões de gênero;
- Compreender como as reflexões da questão de gênero estão sendo construídas e desconstruídas no processo formativo dos/das futuros docentes do Ensino básico;

METODOLOGIA

A partir dessas inquietações, definiu-se como metodologia a pesquisa qualitativa, pois entende-se que ela estava mais próxima desta pesquisa, pois a questão de gênero na licenciatura ainda está sendo um processo pungente e de intensos momentos para reflexões.

Partindo destas reflexões, as questões de gênero são introduzidas nas salas de aula, devido aos posicionamentos pessoais dos/das docentes nas licenciaturas. Isto é, as pessoas têm vivências diferentes e se envolvem com mais ou menos facilidade as questões de gênero. Segundo Minayo (2012), em seu artigo *Análise qualitativa: Teoria, passos e fidelidade*, explica:

O termo experiência utilizado historicamente por Heidegger, diz respeito ao que o ser humano aprende no lugar que ocupa o mundo e nas ações que realiza. O sentido da experiência é a compreensão: ser humano compreende a si mesmo e ao significado no mundo da vida. Por ser constitutiva da existência humana, a experiência alimenta a reflexão e se expressa na linguagem. Mas a linguagem não traz a experiência pura, pois vem organizada pelo sujeito por meio da reflexão e da interpretação num momento em que o narrado e o vivido por si estão entranhados na pela cultura, precedendo à narrativa ao narrador. (MINAYO, 2012, p. 622).

Diante disso, esta pesquisa exploratória/investigativa se propõe em compreender como os/as futuros/as docentes expressam suas vivências e conhecimentos acerca das questões de gênero no início da licenciatura. Entendendo que as vivências não são estáticas, elas estão em movimento, independem da idade, da identidade de gênero, da orientação sexual, da raça/etnia, etc. Assim, para Minayo (2012), esta vivência é:

Produto da reflexão pessoal sobre a experiência. Embora a experiência possa ser a mesma para vários indivíduos (irmãos numa mesma família, pessoas que presenciam um fato, por exemplo) a vivência de cada um sobre o mesmo episódio é única e depende de sua personalidade. Embora pessoal, toda vivência tem como suporte ingredientes do coletivo em que o sujeito vive e as condições em que ela ocorre. (MINAYO, 2012, p. 622).

Participaram desta pesquisa 25 estudantes do 1º e 2º anos do 2º semestre de 2015 do curso de Licenciatura em Ciências Sociais de uma instituição pública do estado do Paraná. A escolha dos/das participantes foi motivada porque estavam no processo inicial de formação, isto é, trouxeram conhecimentos sobre esta questão por meio de conversas com amigos/as, acesso à internet, e as construções históricas que de alguma forma foram disponibilizadas. A instituição foi escolhida pelo fato da estudante ter tido maior facilidade de acesso para

realizar esta pesquisa. Quanto aos procedimentos para coleta de dados, inicialmente a pesquisadora obteve autorização para realizar a pesquisa junto à instituição. A aplicação do questionário foi feita em um dia, no horário de aula dos/as estudantes, com a participação dos/as professores/as das disciplinas que estavam em sala.

Como instrumento desta investigação, elaborou-se um questionário com 17 perguntas, divididas em duas partes, a primeira com os dados sociodemográficos dos/das interlocutores, organizadas com dez perguntas fechadas e de múltiplas escolhas e a segunda, focando a questão de Gênero, sendo cinco perguntas abertas e duas questões com múltiplas escolhas (com mais de 4 alternativas).

Para análise dos resultados elegeu-se algumas questões: a primeira parte com dados sociodemográficos, que tinham como objetivo conhecer um pouco mais sobre os/as estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, desvelando algumas categorias que se cruzam e muitas vezes não são percebidas num primeiro momento. Na segunda parte, elencamos e analisamos 3 perguntas abertas que trouxeram os discursos dos/as estudantes nesta fase inicial de formação. Nesse artigo, utilizamos a primeira parte do questionário para traçar um perfil do grupo que respondeu o questionário e nos aprofundaremos um pouco mais nas questões discursivas, que nos balizam nesta trajetória.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Neste quesito apresenta-se os resultados obtidos por meio dos dados coletados junto aos estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais dos 1º e 2º anos, do 2º semestre de 2015, esclarecendo que definimos 3 questões discursivas que estão relacionadas diretamente com o objetivo desta pesquisa qualitativa.

No dia da aplicação do questionário os/as estudantes estavam receptivos, interessados em contribuir com esta pesquisa e curiosos para saber sobre o resultado deste trabalho. Tal situação facilitou muito a realização desta investigação, porque se compreendeu que estes estudantes estão abertos para novas propostas teóricas e dispostos em colaborar com as pesquisas que abordam a questão de gênero.

Nesta pesquisa qualitativa exploratória, realizou-se um levantamento sociodemográfico onde, o item identificação de gênero do total dos/das 25 estudantes, 13 são do gênero feminino, na faixa etária entre 19 a 47 anos e 12 estudantes do gênero masculino na faixa etária entre 19 a 37 anos, a maioria se autodenominou brancos/as, ou seja, 13 estudantes, seguido de 6 negras/os, 5 pardas/os e 1 indígena.

Quanto ao estado civil e familiar a maioria dos/as estudantes são solteiros/as, sendo 17 solteiros/as e destes, 3 estudantes têm filhos (as), seguido de 6 que são casados/as e destes 4 possuem filhos (as), 1 separado com 3 filhos (as), e 1 estudante em união estável sem filhos (as).

Na pergunta sobre educação formal, 22 estudantes responderam que realizaram o ensino médio em escolas públicas e 3 estudaram em escolas particulares. Quando ao acesso do ensino superior, 15 disseram que estão realizando a 1ª graduação e 10 responderam que estão na 2ª graduação. Destes últimos, encontramos as seguintes graduações: 3 bacharelados (Administração com ênfase em Comércio Exterior, Administração de Empresas, Turismo e Ciências Contábeis), 2 Tecnólogos (Técnico Eletromecânico e Técnico em Comércio Exterior) e 4 Licenciaturas (História, Filosofia, Letras Português e Pedagogia).

Ainda sobre o tema educação, quanto a 2ª graduação no grupo do gênero feminino, 6 estudantes são graduadas em: Bacharel em Ciências Contábeis, Técnica em Comércio Exterior, Licenciatura em Pedagogia, Bacharel em Turismo e Bacharel em Administração de empresas, quando ao grupo do gênero masculino: Licenciatura em Letras Português, Filosofia e História e Técnico em Eletromecânica.

Com relação ao trabalho remunerado, 19 estudantes estão exercendo atividades remuneradas em várias áreas, e 6 não exercem atividade remunerada. Esclarece-se que dos que se enquadram em atividade remuneradas, 1 estudante já atua como professor devido sua graduação anterior, 3 são estagiários e 1 é bolsista do PIBID. A faixa salarial deste grupo de estudantes ficou distribuindo desta forma: 7 (sete) recebem até R\$ 1.000,00, 7 (sete) entre R\$ 1.001,00 à R\$ 2.000,00, 4 (quatro) Entre R\$ 2.001,00 à R\$ 3.000,00 e 1 (um) acima de R\$ 5.000,00.

Com relação ao quesito religião dos/as 25 estudantes, 13 (treze) declararam não possuir religião e 2 (dois) assinalaram em outros e responderam: Uma estudante respondeu que acredita em Deus e o outro, que gosta de conhecer outras religiões, não tem uma religião fixa. Com relação aos demais estudantes neste

quesito: 5 (cinco) disseram serem católicos (as), 3 (três) espíritas, 2 (dois) evangélicos (as). Quanto a religião dos pais ou mãe/pai. 12 (doze) responderam que seus pais são católicos (as), 2 (dois) disseram que os pais são espíritas, 4 (quatro) disseram que os (as) pais são evangélicos (as), 3 (três) seguem a Umbanda.

A segunda parte desta pesquisa, que trata das questões discursivas sobre a questão de gênero teve como perguntas estruturantes: 1. O que significa a questão de gênero? De que forma é abordada a questão de gênero no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais? Qual é o posicionamento do estudante de licenciatura quanto a possibilidade de uma disciplina obrigatória sobre gênero desde o início da formação e por quê?

Percebeu-se que as respostas dadas pelos/as estudantes apontam para algum desconforto, ou melhor, não há segurança sobre o significado de gênero, o que não é uma novidade, pois estão no início do curso e terão acesso no 4º ano, na disciplina de Educação e Diversidade.

Acho superimportante, quando eu estiver em sala de aula, tenho que ter um conhecimento consolidado sobre este tema, pois minha maior preocupação é o impacto que causarei aos estudantes com a minha aula. (Resposta 1, 1º ano, fem., 34 anos).

Acho importante e necessária, pois embora eu já tenha participado de debates e conversas, restam muitas dúvidas, e a questão está posta sobretudo na realidade escolar, portanto enquanto futuro professor não posso negligenciar essa questão. (Resposta 3, 1º ano, 25 anos, masc.).

De extrema importância, porque eu só estou a par do assunto porque me interessa, participo do coletivo feminista, estou sempre verificando as notícias na internet, então se torna fácil, apesar de não haver um aprofundamento teórico. Também acredito que meus e minhas colegas não tem a mesma facilidade de acesso ao assunto como eu, nesse sentido, como futuros docentes é preciso que saibam do assunto pois estaremos juntos a alunos gays, trans e alunas e assim precisamos saber intervir quando ocorrer a discriminação dentro e fora da escola. (Resposta 8, 2º ano, 20 anos)

As respostas dos/as estudantes dão sinais de que percebem a relevância da temática de gênero na sua formação. E consideram importante a iniciativa de incluir este tema ao longo do curso.

Por enquanto, só no estudo da diversidade cultural, e alguns professores comentaram seus trabalhos 'pesquisas' de formação. (Resposta 8, 1º ano, fem., 25 anos).

De forma pouco aprofundada. Algo expositivo e superficial. (Resposta 9, 1º ano, fem., 20 anos).

De forma superficial em algumas disciplinas dentro e fora da sala de aula. (Resposta 14, 1º, mas., 24 anos).

Até agora dentro das disciplinas não houve nenhuma discussão acerca da questão de gênero, apenas numa disciplina de História

Contemporânea, onde a professora pediu um trabalho no final sobre algum movimento social da década de 20 e eu fiz sobre o movimento homossexual. (Resposta 8, 2º ano, fem., 20 anos)

Nos foi mostrada qual o papel da mulher e do homem na sociedade, ocasionando um grande preconceito quando os papéis foram trocados, como por exemplo a mulher trabalha fora e o homem cuida da casa. (Resposta 4, 2º ano, masc., 19 anos).

Estas respostas indicam que há uma indefinição acerca do trabalho com gênero no curso, o que pode se supor que ainda será feito ao longo do processo. Entretanto, como uma temática provocadora e alinhada com as demandas da sociedade, deveria ser tratada a todo momento durante a formação.

Acredito que seria uma possibilidade importante porque teríamos uma maior amplitude sobre esta discussão, porque esta temática está sendo discutida nos mais diversos meios de comunicação social (Internet, Jornais, TV, etc. (Resposta 6, 2º, masc., 35 anos).

Partido desta ideia, como explicar em sala de aula, o sexismo, machismo, patriarcado, violências contra as minorias sociais – mulheres, negros/as, pobres, pessoas portadoras de necessidades especiais, homossexuais, lésbicas, pessoas trans, travestis. Entende-se que sem conhecer aquelas teorias, coloca-se em risco a possibilidade de uma educação emancipatória, que combata a reprodução de conhecimentos que reafirmam as exclusões.

Para contribuir com essa discussão, entendemos que as informações sobre religião apresentada por este grupo, são diferenciadas, pois a maioria se apresenta como não possuir religião, o que nos permite supor uma compreensão sem dogmas ou tabus.

Algumas respostas nos remetem para a diversidade da orientação sexual, em que os/as estudantes não estão familiarizados com os termos.

Essencial, tendo em vista uma completa ignorância e hostilidade para com o assunto. (Resposta 3, 2º ano, fem., 19 anos).

Para mim a questão de gênero diz respeito aos conflitos existentes a partir da forma como você é e se afirma. Podem ser violências físicas e simbólicas relacionadas a sua condição na sociedade patriarca". (Resposta 3, 1º ano, 25 anos, masc.)

Nestas respostas, percebeu-se um pouco mais de compreensão por parte dos/as estudantes, contribuindo com suas percepções sobre conflitos entre as identidades do feminino e masculino, indicação de normas e condutas, papéis sociais, problemas relacionados a mulher.

No que diz respeito à aproximação do conceito de gênero, é importante ponderar que ao se aprender as diferenças de conceitos (de acordo com

autores/as), é necessário lembrar que estes conceitos estão em processo de construção ou desconstrução, não são estáticos. Assim como a sociedade não o é. Seria importante refletir que há necessidade de se adequar ao presente, compreendendo o passado, para traçar o futuro. Assim proporciona uma maior amplitude, dificulta uma absorção de conhecimentos do senso comum, que são construídos e que se enraízam de tal forma, que ao se tentar mudar esta lógica, causam alguns desconfortos. (RAGO, 1998)

Um outro dado percebido no desenvolvimento desta pesquisa é que este grupo não está familiarizado com a questão da visibilidade do feminino no discurso, questionando o sujeito universal, representante da humanidade, o homem. “Ao esconder o gênero feminino, promovemos um silenciamento que permeia os diferentes espaços pelos quais transita a mulher”. (DINIZ; VASCONCELOS; MIRANDA 2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o processo educativo da questão de gênero não está ‘internalizado’, pelo contrário, aparece em formas do senso comum ou de atividades que reforçam a naturalização e as formas de preconceitos.

Entende-se que, há necessidade de criar e estimular grupos de estudos/discussão (fixos) para que os/as professores/as fiquem alinhados com as discussões e problematizações da questão de gênero e relações de gênero, até porque as teorias não são estáticas. Romper com a lógica do binarismo, patriarcado, dogmas religiosos, misoginia, etc., não é tarefa fácil, precisa de muito esforço e dedicação. Por isso que entendemos e insistimos que há sim a necessidade de ofertar uma maior qualificação para os/as professores/as, já no início da graduação.

Percebendo que a escola participa de forma ativa no processo de socialização e da educação formal de crianças e dos/as jovens, há necessidade de que todos/as trabalhem de forma articulada, para que a escola assuma uma postura um pouco mais neutra e que tenha um compromisso com o aprofundamento do conhecimento, para que dê respaldo às novas gerações para que respeitem as diferenças e que principalmente, aprendam com estas diferenças. Segundo Belloni (2007, p. 59) “é o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento”.

Assim, por desejar contribuir para a construção de uma educação igualitária e democrática, entendemos que temos que aprender a desconstruir as armadilhas de convivências entre gêneros. E para que isso aconteça, somente uma educação que oportunize outros saberes no ensino básico e superior, tornará possível uma construção de uma educação inclusiva e emancipatória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michel W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. *In: Caderno Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, nº 1, p. 41-56, 2007.

LUZ, Nanci S da. Direitos humanos das mulheres e a lei Maria da Penha. *In: Igualdade de Gênero: Enfrentando o sexismo e a homofobia*. 1ª Edição, Curitiba: ed. UFPR, 2011.

DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata N.; MIRANDA, Shirley A. Cap. O que produz o silenciamento das mulheres no magistério? *In: Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores. Gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos*. Margareth Diniz e Renata Nunes Vasconcelos. (org.). Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004. p. 22-48.

FERREIRA, Taisa de Sousa. Entre o real e o Imaginário: problematizando o Currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia em Relação a gênero e sexualidade. **Dissertação** (mestrado em Educação), Feira de Santana-BA, 2013.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

LLANOS, Gabriella C. Cap. Sexo, Género Y feminismo: tres categorias em puna. *In: Gênero e Ciências humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Neuma Aguiar (org.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 223 – 251.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria C. Artigo Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *In: Ciência & Saúde Coletiva*. V. 17, nº 3, Rio de Janeiro, 2012. P. 621 – 626.
<disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>> Acesso em: jan.2016

RAGO, Margareth. Descobrendo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, n.11, 1998, pp.89-98.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Rev. **Educação e Realidade**, Tomaz Tadeu da Silva – Porto Alegre, Vol.20, nº 2, jul/dez 1995, p.71 - 99.

SILVA, Dayse de P.M. da Cap. Superando as desigualdades de gênero: o papel da escola. In: **Gênero e Ciências humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres**. AGUIAR, Neuma (org.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 253 – 279.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, v.27, nº 95, ago. 2006. p. 406 a 428. <disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n95/a05v2795.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.